



## PLANETA VERMELHO

O calor começava a subir pelos meus pés. Se demorasse mais alguns minutos, sua armadura provavelmente se fundiria, queimando toda a sua pele. Mal abriu os olhos, mesmo atordoada por conta da cabeça ferida, levantou-se de um salto, tirando os pés do fogo.

A sorte foi que o tanque de oxigênio não havia sido afetado na queda. Era o campo perfeito para entrar em pânico, mas Samus Aran era uma ferramenta, um soldado galáctico, e passar por tais situações era comum. Mesmo sendo a sua primeira vez em um acidente de tal nível, jamais se abalaria.

A fiel companheira, a armadura alaranjada, com tantos apetrechos que salvam a sua vida, nunca incomodara tanto. Samus, avisando sua nave, dirigiu-se até ela, mancando. Já no interior, tirou algumas partes da armadura, tratando dos ferimentos.

Quando voltou a pisar naquela terra desconhecida, passou a prestar mais atenção aos detalhes. O planeta não era comum ou como tantos outros que já avistara. Ele tinha uma peculiaridade; além de sua lua ser muito maior, tudo, o que se viam eram destroços de uma civilização.

Ao caminhar entre as ruínas do que parecia um castelo, percebeu que os monumentos e as artes defasadas se assemelhavam aos de um povo muito antigo da Terra, os Atlantis. Armas, equipamentos e outras peças de guerrilha arcaicas se encontravam pelo solo. Era uma pena: com toda certeza, um povo que se conhecia por sua sabedoria sofria dos males da humanidade moderna e tirana.

A jovem Samus, porém não poderia ficar muito mais tempo explorando, já estava no limite do corpo e tinha de continuar sua jornada. Voltaria para a nave, carregando uma única peculiaridade que não via desde a sua infância, que agora parecia

tão distante: uma boneca, esculpida em um cristal, já lascada e velha, mas, com certeza, uma bela lembrança.